

A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS ANOS INICIAIS: O QUE PENSAM OS PAIS?

Kamila Oliveira Balieiro ¹
Jesus Cardoso Brabo ²

RESUMO

Alguns professores percebem certa resistência ao tentar implementar ações de educação sexual nas escolas brasileiras. Para tentar entender melhor o problema, esta pesquisa buscou identificar as percepções de pais e responsáveis sobre a implementação de educação sexual na escola. Para isso, foram coletados, por meio de um questionário *online*, respostas de 30 responsáveis de alunos do 4º e 5º ano de uma escola pública do município de Breves, Pará. Os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo. O estudo revelou que a maioria dos pais concorda com a inclusão da educação sexual nas escolas, mas com algumas hesitações, principalmente com a formação dos professores e a abordagem adequada ao público infantil. Por outro lado, os resultados mostraram que muitos pais sentem que a escola tem um papel importante na prevenção de abusos sexuais, principalmente os que acontecem dentro das próprias famílias. No entanto, muitos pais ainda não se sentem preparados ou confortáveis para conversar sobre sexualidade com seus filhos em casa, o que reforça a importância do trabalho escolar nesse sentido. Em conclusão, a pesquisa aponta que, apesar da resistência de alguns, a educação sexual é vista como importante por grande parte dos pais entrevistados. Contudo, é necessário melhorar a formação dos professores e fortalecer a parceria entre escola e família.

Palavras-chave: Educação Sexual, Ensino Fundamental, família, escola.

INTRODUÇÃO

A educação sexual (ES) ainda hoje é vista como um tabu pela sociedade, pois, é algo que foi construído historicamente em várias civilizações (Rocha, 2024). Na atualidade muitos educadores argumentam que a implementação de práticas adequadas de ES nas escolas de educação básica podem mitigar certos problemas sociais, tais como gravidez na adolescência, exploração e abuso sexual infantil, disseminação de infecções sexualmente transmissíveis, entre outros.

Propositores de iniciativas de ES escolar eventualmente tem que lidar com fato de que alguns pais e responsáveis não concordam que a escola se torne um espaço para discussões acerca da sexualidade. Particularmente quando se trata de atividade de ES

¹ Mestranda do curso de Pós-Graduação em Docência em Ciências de Matemáticas da Universidade Federal do Pará - UFPA. E-mail: kamila.balieiro@breves.ufpa.br;

² Doutor em Ensino de Ciência pela UBU/Espanha, Professor Associado da UFPA, brabo@ufpa.br.



direcionadas a alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental (Carminatti; Olegário, 2023; Moreira; Maia; Jacinto, 2020; Gesser; Oltramari; Panisson, 2015).

O presente trabalho procurou indagar a respeito de “quais são as percepções de pais e responsáveis de alunos pré-adolescentes sobre o trabalho de educação sexual na escola?”. Com o objetivo principal de identificar tais percepções, buscando compreender como os responsáveis veem a Educação Sexual; como costuma interagir com seus dependentes sobre o tema; e analisar eventuais controvérsias mais proeminentes a respeito do assunto.

METODOLOGIA

Os procedimentos de pesquisa envolveram a elaboração de um questionário no formato *online*, utilizado para coletar respostas de 30 (trinta) responsáveis de alunos de uma escola pública do município de Breves, PA, onde a autora principal desta pesquisa atua como professora.

O *link* de acesso ao questionário, juntamente com um convite foi encaminhado para grupos de *Whatsapp* de pais de alunos de uma turma de quarto e outra de quinto ano do ensino fundamental da referida escola, convidando-os para voluntariamente responder as questões propostas.

Seguindo a indicação de Gil (2002) organizou-se um questionário na plataforma *google forms* com 4 seções: a primeira com o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, conforme a resolução nº 510/2016 (Brasil, 2016); a segunda com os dados de identificação do participante, exceto o nome; e as duas últimas com treze perguntas fechadas e abertas.

Das perguntas fechadas foram calculados dados estatísticos descritivos e foram utilizadas técnicas de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), para categorizar *a posteriori* as respostas das perguntas abertas.

Procurou-se discutir os resultados contrastando-os com pesquisas análogas sobre o assunto, a fim de verificar eventuais semelhanças e divergências com os resultados de tais estudos, procurando também discutir possíveis fatores culturais, regionais e socioeconômicos que influenciam as opiniões dos pais sobre a inclusão de educação sexual nas escolas dos anos iniciais. Além disso, procurou-se analisar como as percepções dos pais podem impactar a implementação de programas educativos e se há necessidade de adotar certas estratégias de sensibilização para promover maior



aceitação e entendimento sobre a relevância da educação sexual em determinados contextos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito sexualidade é abrangente e não se restringe apenas ao ato sexual, como ainda se pensa atualmente (Rocha, 2024). Ele inclui também questões sociais que se configuram como conhecimentos imprescindíveis para crianças e adolescentes, como respeito, privacidade, afeto, sensações físicas e mentais (Figueiró, 2009; Rocha, 2024). Contudo, com a construção social, pensam-se e limitam-se os pensamentos como um tema pecaminoso e que não deve estar presente na instituição escolar.

No entanto, alguns estudos tem demonstrado que a educação sexual é fundamental para a formação de crianças e jovens, principalmente, como cunho de prevenção não somente contra gravidez indesejada ou Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), mas também como forma de cuidado e segurança de crianças contra o abuso e exploração sexual: “educar sexualmente uma criança significa ensiná-la a amar a si mesma, a lidar com suas emoções, a se proteger do abuso e a construir relações saudáveis” (Rocha, 2024, p. 36).

Por outro lado, Carminatti e Olegário (2023, p. 1065) vem chamando atenção para o fato “da Educação Sexual não ser priorizada nos documentos reguladores da educação básica, gerando falta de informação, escassez de políticas públicas e de orientações que possam respaldar os professores e a comunidade em geral na introdução da Educação Sexual nas escolas”. Segundo esses autores, a atual Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), por exemplo, não enumera objetos de conhecimento ou habilidades explicitamente relacionados à educação sexual, embora possamos encontrar menções implícitas em habilidades de componentes como Ciências e Educação Física, o que dificulta a inserção da ES nos documentos curriculares das escolas.

Levantamento de opiniões de pais e professores sobre ES, como os realizados por Gesser, Oltramari e Panisson (2015), além de revelarem a falta de abertura dos responsáveis para falar sobre o assunto, mostram que muito professores possuem concepções equivocadas de ES: predominantemente relacionadas à prevenção de ISTs e centradas em aspectos biológicos, que acabam reforçando a ideia de que tal assunto não é adequado para ser abordado com crianças para não incitá-las à práticas sexuais precoces.



O estudo de Moreira, Maia e Jacinto (2020), por exemplo, detectou que muitos professores possuem a crença de que a educação sexual deva ser trabalhada somente a partir do 4º e 5º anos por serem alunos em idade de pré-puberdade, pois crianças menores são consideradas sem malícias. Segundo Rocha (2024), tal crença apoia-se equivocadamente na ideia de que as crianças são seres assexuados, sem observar que a sexualidade está presente desde os primeiros dias de vida.

Queirós et al. (2016) foi outro estudo que constatou que os pais possuíam uma visão biológica de educação sexual, declarando-se despreparados para conversarem sobre o assunto com seus filhos, demonstrando uma crença de que a primeira instância para tratar do assunto é a família, seguida da escola.

Por outro lado, estudos como os de Ricardo, Bruno e Andrade (2023) e Ferreira, Paiva e Miranda (2015) mostraram que, em certos contextos, muitos pais apoiam iniciativas de ES com crianças. Grande parte dos pais que participaram da pesquisa de Ricardo, Bruno e Andrade (2023) demonstraram concordar com aulas de ES em turmas de crianças pequenas, afinal, é na escola que passam grande parte de sua vida, enquanto os entrevistados por Ferreira, Paiva e Miranda (2015), embora defendessem aulas de ES para crianças, frisaram que lhes pareciam que os professores não possuíam formação suficiente para isso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contou com a participação de 30 pais/responsáveis de alunos residentes na cidade de Breves, Pará, onde os mesmos responderam ao questionário voluntariamente. A tabela 1 mostra os dados de identificação dos participantes, prezando pelo sigilo de suas identidades, no qual serão representados por “responsável” de 01 a 30 nas respostas destacadas.

Tabela 1 - Dados de identificação dos participantes (N = 30)

| Categorias | | N | % |
|-------------------|----------------------------|----------|----------|
| Sexo | Masculino | 5 | 16,7% |
| | Feminino | 25 | 83,3% |
| Idade | 24 a 30 | 9 | 29,9% |
| | 31 a 35 | 5 | 16,5% |
| | 36 a 40 | 9 | 30% |
| | 41 a 45 | 6 | 19,9% |
| | 51 anos | 1 | 3,3% |
| Escolaridade | Ensino Médio completo | 3 | 10% |
| | Ensino Superior Incompleto | 1 | 3,3% |



| | | | |
|----------------------------|--------------------------|----|-------|
| | Ensino Superior Completo | 26 | 86,7% |
| Escolaridade do dependente | 4º ano | 12 | 40% |
| | 5º ano | 18 | 60% |

Fonte: dados da pesquisa.

Percepções dos interlocutores do conceito educação sexual e abordagem escolar

Nas respostas sobre o conceito de educação sexual, como era de se esperar, os participantes expressaram diferentes perspectivas. Embora a maioria dos respondentes, tal como nos resultados das pesquisas como as de Gesser, Oltramari e Panisson (2015), relacionem a ES estritamente com aspectos biológicos, sendo perceptível em cerca de 17 respostas (56,6% dos participantes).

Nas três respostas abaixo transcritas ilustram os nuances das diferentes concepções expressas nas respostas de diferentes participantes:

Acho que educação sexual é aprender como nosso corpo funciona e como se cuidar não falando de forma sexual, mas o cuidado íntimo, já que com início da pré-adolescência, nessa transição do deixar de ser criança pro início da produção de hormônios mais rápido, muitos desses educandos estão perdidos e se sente diferente e não sabem como agir com o próprio corpo (Responsável 5).

O foco principal é a construção de conhecimento sobre o próprio corpo, o respeito às diferenças, a prevenção de abusos e a promoção da autoestima e do autocuidado. É uma forma de iniciar a quebra do tabu relacionada a esses temas, tirando a família, como único orientador, isso quando tem este auxílio pela família (Responsável 12).

Entendo que ela é de suma importância pois na minha infância me ajudou principalmente na questão de diferenças entre o corpo de menina e menino e algumas coisas que meus pais não me falavam foi orientada na escola (Responsável 3).

É possível perceber nas três respostas distintas concepções de ES como um instrumento de aprendizado sobre o próprio corpo, autocuidado, respeito às diferenças e prevenção de abusos. A primeira de cunho biológico e direcionada a pré-adolescência, sendo mencionado como modelo médico-biologista presente desde os anos de 1960 até os dias atuais, focado na “descrição das funções procriativas e na informação das etapas e características do aparelho reprodutor e das funções sexuais reprodutivas” (Nunes; Silva, 2006, p. 14). A segunda enfatiza o conhecimento do corpo e da interação família e escola como modo de informar, e por fim, a última destaca a importância da ES, com vista para algo que não ocorreu da infância do participante.



Ao serem questionados se a ES deve ser abordada na escola, as trinta respostas afirmaram que sim. Vale a pena comentar as seguintes respostas:

Sim. Pois os alunos terão acesso a informações seguras e de pessoas confiáveis, o que vai diminuir muitos casos de abuso sexual intrafamiliar, bem como outros tipos de abuso sexual que podem vim a acontecer com nossos filhos (responsável 16).

Sim, desde que abordada corretamente dentro de cada etapa de crescimento da criança. Se tornando assim um suporte a mais em relação ao combate de abusos sexuais de menores, gravidez na adolescência, entre outros casos (responsável 25).

Ambas as locutoras ressaltaram a preocupação com o abuso sexual extra e intrafamiliar, algo visivelmente exposto na sociedade e identificado por estudos do Ministério da Saúde. No ano de 2021, tal pesquisa mostrou que 68% das crianças e 58,4% dos adolescentes sofreram abuso sexual no âmbito familiar (Brasil, 2023). Esses casos são comuns na região onde residem os participantes dessa pesquisa. Outro ponto a se destacar é quanto a abordagem na idade adequada, sendo um fato pertinente a ser discutido e esclarecido aos responsáveis quando se trata da ES.

Na figura abaixo está exposto as preocupações dos responsáveis quando se trata da abordagem da ES na escola.

Figura 1 - Preocupações dos responsáveis quanto a abordagem da ES.



Fonte: dados da pesquisa.

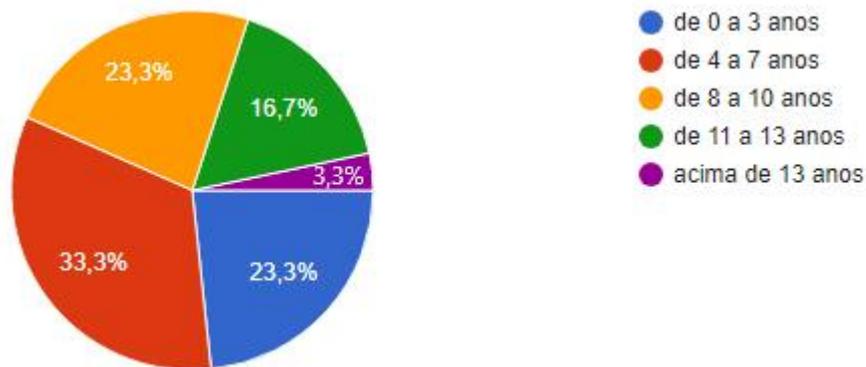
As respostas dos setores azul, vermelho, amarelo e verde foram alternativas constantes no formulário e a roxa foi uma consideração informada por um dos participantes. Nesse gráfico é possível observar claramente que a principal preocupação dos responsáveis a respeito da ES está relacionada à formação do professor, seguida da suposta apresentação de conteúdos inapropriados para crianças de certa idade.



Tal resultado corrobora os resultados obtidos na pesquisa de Ribeiro (2020), que também concluiu que os professores não sentem preparados para realizar ações de ES, por não possuírem formação suficiente.

Quando perguntados sobre qual seria a idade adequado para participar de atividades de ES o grupo de participantes ficou bastante dividido, como é possível observar na figura 2.

Figura 2 - Idade adequada para abordagem da ES.



Fonte: dados da pesquisa.

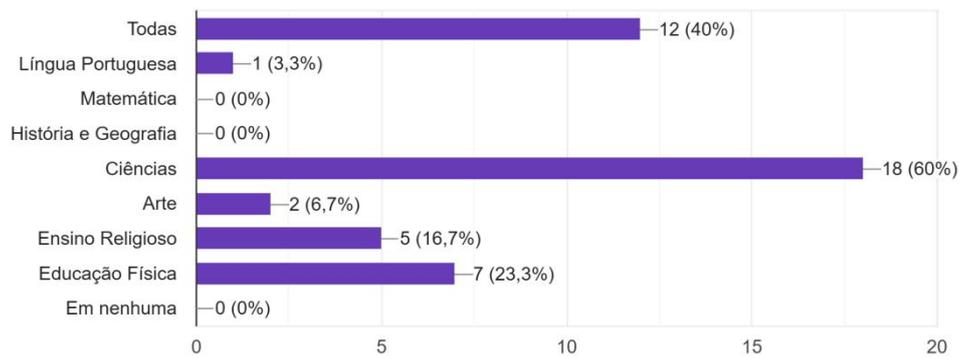
É possível observar que muitos responsáveis acreditam na necessidade de inserção de ES desde os primeiros anos de vida, afinal, a abrangência da temática vai para além de temas sexuais, sendo necessário direcionar diálogos como, a privacidade de seus corpos com crianças de 0 a 3 anos de idade, por exemplo.

No entanto, 43,3% dos participantes acreditam que seja necessário os alunos amadurecerem um pouco para lidar com o assunto, o que pode indicar que desconhecem abrangência de assuntos que podem ser tratado em atividades de ES, se restringindo a aspectos biológicos, com mostraram as respostas comentadas anteriormente. Sobre isso Rocha (2024, p. 24) destaca duas considerações importantes, defendendo que “o que sustenta a nossa sexualidade na vida adulta é construído ainda na infância” e o fato de que as crianças não possuem maturidade física e psicológica para o ato sexual e é o momento mais adequado para iniciar esse assunto.

Os participantes foram questionados se na escola de seus dependentes há ações relacionadas a ES, 60% afirmaram que não sabiam dizer, 16,7% disseram que sim e 23,3% disseram que não. Esse grande número de responsáveis sem informações sobre o que seus filhos aprendem na escola pode ser resultado de diversas questões, que vão desde a falta de acompanhamento na formação dos filhos, como também falta de mecanismos de interação escola-pais mais eficientes.



Figura 3 - Disciplinas que devem utilizar o tema transversal Orientação Sexual.



Fonte: dados da pesquisa.

Embora o tema Orientação Sexual possa ser trabalhado em todas as disciplinas através da transversalidade (Brasil, 1997), é possível ver na figura 3 que ainda predomina entre os participantes noções de que a ES devam se restringir a componentes como Ciências, Educação Física e Arte ou com aspectos sociais e religiosos.

Educação Sexual na abordagem familiar

No questionamento referente a sentir-se ou não confortável ao abordar o tema com seus filhos, 60% consideram um tema tranquilo, 36,7% afirmam ser um pouco difícil e um participante (3,3%) admitiu ficar desconfortável. Isso implica na forma como assunto é tratado com seus dependentes: muitos responsáveis afirmaram que já dialogaram a respeito. Apenas um participante disse “*Ainda não, mas pretendo*” (Responsável 19). E outra afirmou que “*Sim, porém é quase sempre para responder alguma indagação do meu filho*” (Responsável 11). As duas respostas seguintes ilustram bem grande parte das respostas da referida questão:

Sim, desde muito cedo, já converso sobre a importância de eles identificarem possíveis casos de abusos, do respeito ao corpo deles e dos seus coleguinhas, que existem toques que não se deve fazer. Ensino a se defenderem de possíveis abusadores, deixo bem claro o que muitas pessoas que quer fazer coisas ruins com crianças mentem fazendo ameaças, mas que essas ameaças não são reais e só pra colocar medo neles, que nos como pais sempre vamos querer ouvir o q eles tem pra dizer, mesmo q falem o contrário (Responsável 8)

Sim, de forma gradual e adequada para a idade da minha filha. Sem usar apelidos fofos para partes íntimas ou algo parecido. Partes íntimas tem seus nomes e devem ser falados de forma clara. Sempre dando liberdade para que ela possa nos contar tudo. (Responsável 9)



A resposta do Responsável 8 focou na questão da prevenção de abusos sexuais, exaltando a importância de manter uma relação de confiança com os filhos, assim como ensiná-los a ter respeito com os outros. Por outro lado o Responsável 9 revelou preocupações em nomear adequadamente as partes do corpo, evitando que as crianças cresçam com preconceitos em relação à partes íntimas de si e dos outros.

Por outro lado, a atitude do Responsável 11 de expor sobre o assunto apenas ao ser solicitado, é tratado por Nunes e Silva (2006) como pedagogia do bombeiro: que apenas pontua o assunto naquele momento de modo a “apagar focos de incêndio” (p. 3). Um indicativo das limitações de abordar o tema com seus filhos, mostra os resultados do gráfico 4, referentes a questão das dificuldades de lidar com ES em casa:

Figura 4 - Dificuldades ao abordar o tema em casa.



Fonte: dados da pesquisa.

Com pode ser observado na figura 4, 20% dos participantes não tiveram esse tipo de diálogo com seus pais e isso impactou diretamente na forma como se comportam com seus filhos, por não saberem lidar com o tema. Sobre isso Nunes e Silva (2006, p. 51) comentam que “o adulto age como se só ele tivesse direito ao exercício da sexualidade, negando criminosamente a sexualidade infantil e também a do adolescente”. Ou seja, a falta de informações concretas leva ao medo de fornecer conhecimentos errados, assim como não saber lidar com essas questões e/ou não saber por onde começar. Uma situação delicada, onde a escola poderia assumir o papel de mediadora do conhecimento, bem como os próprios pais poderiam buscar se informar através de leituras de livros e vídeos feitos por profissionais da área em canais como o YouTube, por exemplo.

No questionamento de “Quem tem o dever de ensinar sobre sexualidade?”, a divisão foi entre apenas duas respostas, 66,7% afirmaram ser da família e escola, e o restante 33,3% consideraram família, igreja e escola. A sociedade percebe a família



como primeira instância formadora das crianças e jovens, a escola entra logo atrás, afinal, é o local onde passam grande parte de suas vidas. Por fim, para a opção igreja, os motivos podem ser inúmeros e é importante lembrar que “escola, igreja e outras instituições também precisam falar sobre o assunto, principalmente porque a maioria dos casos de abuso acontece dentro da família” (Rocha, 2024, p. 43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou evidências de que apesar da maioria dos respondentes considerarem a educação sexual importante, alguns pais ainda possuem uma visão limitada à questões reprodutivas, como aspectos biológicos e ao conhecimento do próprio corpo, destacando a importância do autocuidado, da prevenção de abusos e da construção de autoestima.

Como ponto positivo, vê-se que 100% dos participantes são a favor da educação sexual escolar, motivados principalmente pela preocupação com eventuais abusos sexuais extra e intrafamiliares, ainda que uma pequena parte tenha demonstrado hesitação na participação dos seus dependentes em atividades do tipo.

Nos desafios apontados, a formação dos professores foi a principal preocupação levantada pelos responsáveis, corroborando estudos análogos que indicam que muitos docentes não se sentem preparados para abordar o tema de maneira apropriada, assim como, grande parte dos responsáveis não possuem informações sobre as ações realizadas pela escola, evidenciando a necessidade de maior transparência e comunicação entre escola e família.

Quanto a abordagem pela família, muitos ainda se sentem inseguros para fazer tal ação, essa insegurança pode estar relacionada à falta de diálogo sobre sexualidade na infância dessas pessoas, resultando em limitações na maneira como tratam o assunto com seus filhos. Isso reforça a importância da escola como mediadora do conhecimento, bem como da busca ativa por informações por parte dos responsáveis.

Conclui-se que, apesar dos inúmeros tabus que a sociedade expõe a educação sexual, nessa pesquisa percebe-se avanços para com a aceitação, no entanto, muitos desafios precisam ser superados e isso pode ser feito, principalmente, através da escola, onde junto com a família podem proporcionar à crianças e adolescentes um ambiente mais seguro e esclarecedor visando a boa convivência e superação de preconceitos socialmente impostos.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alcilene Lopes de Amorim; RICARDO, Hemanuely Teixeira; BRUNO, Jéssica Santos. Sexualidade na adolescência: como escola e família têm lidado com este tema? **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 10, n. 1, 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**, Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Novo boletim epidemiológico aponta casos de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. 15 maio 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/novo-boletim-epidemiologico-aponta-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil>. Acesso em: 7 mar. 2025.

BRASIL. Resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 98, seção 1, p. 44-46, 24 maio 2016a.

CARMINATTI, Rafaela. Educação sexual nos anos iniciais: "O que vamos dizer às crianças?". **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 1061–1078, 2024. DOI: 10.14295/de.v11i1.15294. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/15294>. Acesso em: 6 fev. 2025.

GESSER, M.; OLTRAMARI, L. C.; PANISSON, G. Docência e concepções de sexualidade na educação básica. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 3, p. 558-568, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed., São Paulo: Atlas S. A., 2002.

MOREIRA, M.; MAIA, A.; JACINTO, H. Educação sexual nas escolas: concepções e práticas de professores. **Revista Psicologia e Educação On-Line**, v. 3, n. 1, p. 47-54, 2020.

NUNES, César; SILVA, Adna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. 2 ed. Campinas, SP: Autores associados, 2006.

PAIVA, Milena Carla Candido; MIRANDA, Joseval dos Reis; FERREIRA, Laisa Mayda Santos. A percepção dos pais e mães sobre o trabalho de educação sexual na escola. **Anais II CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/15272>. Acesso em 07 de fev. 2025.

QUEIRÓS, Pollyanna de Siqueira et al. Concepções de pais de adolescentes escolares sobre a sexualidade de seus filhos. **Rev Rene**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 293–300, 2016.



Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/3043>. Acesso em: 11 de fev. 2025.

RIBEIRO, Marcos. **Educação em sexualidade: conteúdos - metodologias - entraves**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2020.

ROCHA, Leiliane. **Como falar sobre sexualidade com as crianças**. Bauru, SP: Astral Cultural, 2024.

